

**A DISTRIBUIÇÃO DA MERENDA NA HORA DO RECREIO E AS RELAÇÕES  
SOCIAIS ENVOLVENDO ALUNOS E FUNCIONÁRIOS DA COZINHA.  
(PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO CEPAE – GO)**

Elder Sales da Silva<sup>1</sup>

Isabella Rodrigues Silva<sup>2</sup>

Lúcio Costa Tovar<sup>3</sup>

**RESUMO**

Durante os trabalhos desenvolvidos pelos alunos de Ciências Biológicas na disciplina Estágio Supervisionado I no CEPAE – UFG foram diagnosticados vários contextos que marcam a dinâmica da interação entre o corpo escolar representado não apenas por professores e alunos, mas também por funcionários entre outros. Algumas questões como *bullying* e uso de drogas são problemas encontrados nessa escola e refletem situações complexas da sociedade. No entanto, o momento recreio-lanche representou um grande referencial para avaliar o grau de integração dos alunos com a escola e o quanto valorizam as questões relacionadas à saúde (a qualidade do lanche, como lancham, como descartam o lanche), educação ambiental (os restos do lanche, o contato “direto” com os macacos) e a relação de valores humanos com os colegas (fila do lanche) e funcionários que cuidam da alimentação. O fato de no recreio as diferentes turmas ocuparem o mesmo espaço aumenta as possibilidades de conflitos entre alunos, sobretudo devido a diferença de tamanho e idade entre os mesmos. O recreio parece ser visto como um momento de esvaziamento pedagógico, quando a escola – de certa forma - se abstém da função de educar. Com a proposta de refletir o recreio-lanche como um momento de aprendizado, rico para aplicação de medidas educativas e exercício de cidadania, foi elaborado esse trabalho que propõe o repensar das práticas esvaziadas e frias entre alunos e entre estes e os funcionários, ambos construtores da (des)harmonia das relações escolares. Nesta lógica alunos foram convidados a ocupar o lugar de funcionários da cantina na tentativa de que aqueles se coloquem no lugar destes.

Palavras-chave: Estágio supervisionado. Escola. Diagnose. Recreio. Fila do lanche. Relações escolares.

---

<sup>1</sup>Graduando em Ciências Biológica  
Universidade Federal de Goiás

<sup>2</sup>Graduanda em Ciências Biológicas  
Universidade Federal de Goiás  
E-mail: [isabella.bioufg@gmail.com](mailto:isabella.bioufg@gmail.com)

<sup>3</sup>Graduando em Ciências Biológicas  
Universidade Federal de Goiás  
E-mail: [luciotovar@hotmail.com](mailto:luciotovar@hotmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado I é um passo importante para a formação do professor, pois é o primeiro contato de muitos graduandos com a Escola. O Estágio e a diagnose aproxima os estagiários do ambiente escolar, da prática e acima de tudo da realidade, como descreve Pimenta e Lima (2004).

“O estágio é o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia-a-dia” (PIMENTA E LIMA, 2004).

Ao entrar no Estágio temos uma grande bagagem teórica de todas as disciplinas já cursadas, porém é na prática que muitas dúvidas surgem, principalmente porque o regimento interno de cada escola é muito particular. O Estágio proporcionou um conhecimento aprofundado de todo funcionamento de uma Escola com a elaboração da diagnose.

A diagnose permite aos estagiários uma análise da organização, da relação entre funcionários e com outras instituições, e de toda “filosofia” da Escola. Com a diagnose descobrimos como uma Escola é dividida em diversos setores (coordenação, secretaria, subáreas de disciplinas entre outros), e como é o funcionamento de cada um.

Como observadores aprendemos a ter uma visão quantitativa, qualitativa e também que o ponto de vista do observador tem influencia direta no resultado da observação. Segundo Kenski (1994:11), o estágio

“possibilita ao graduando desenvolver a postura de pesquisador, despertar a observação, ter uma boa reflexão crítica, facilidade de reorganizar as ações para poder reorientar a prática quando necessário” (KENSKI, 1994:11 citado por LOMBARDI, 2005).

Neste artigo será apresentado um breve resumo da diagnose da escola campo, CEPAE, bem como o Projeto de Intervenção Pedagógica desenvolvido a partir desta. Será discutido a importância do momento do lanche/recreio em uma escola e também dará enfoque à intervenção realizada com os alunos do 8º ano A na com o tema “A fila para o lanche”.

## **2. DIAGNOSE DA ESCOLA CAMPO: CEPAE**

Tem se tornado cada vez mais frequente a realização do diagnóstico da escola durante as atividades de estágio. Porém, os próprios estagiários não compreendem o sentido de tal atividade, e qual a sua relevância e o que está contido dentro da palavra “diagnose”. Segundo Libâneo (2004), o diagnóstico é parte do planejamento, e consiste no relato verdadeiro da situação, dos problemas e das demandas a se atender.

O diagnóstico vai muito além das críticas e da busca por defeitos, não é apenas a descrição limitada de um primeiro olhar. Ele é na verdade a oportunidade que o estagiário tem de estar perto da escola em funcionamento, atento para perceber o que há além das aparências, utilizando sentidos de um futuro profissional que ali atuará, e não mais como aluno. É a fase de atuação e intervenção, na realidade serve para o estagiário sentir de perto a estrutura, a organização e o funcionamento da instituição e finalmente identificar as possibilidades de intervenção.

A partir de observações, entrevistas gravadas, registros fotográficos, questionários e da caracterização de cada espaço físico e dos indivíduos que compõe o universo escolar e principalmente através da análise contínua e da discussão de cada informação captada, é que vai sendo formada a diagnose de uma escola, no sentido pedagógico, organizacional, profissional e social, englobando-a como um todo.

A diagnose foi realizada no CEPAE e os pontos observados foram: Secretaria, Sala da Sub-Área de Biologia, Coordenação Pedagógica, Sala de Informática, Biblioteca, Cozinha, Pátio e Diretoria. Para a coleta de dados foi utilizada a observação através da visualização e audição como: anotações, fotografias e gravações de entrevistas realizadas com funcionários e alunos da Instituição.

Após a diagnose o próximo passo foi a escolha e delimitação do tema a ser tratado no Projeto de Intervenção Pedagógica (PIP).

## **3. TEMAS QUE GERARAM O PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA (PIP)**

A diagnose revelou os importantes aspectos que precisavam de auxílio, que tornariam útil e necessária a intervenção do estágio. Os primeiros temas levantados pelos estagiários foram:

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

1. Melhoramento da sala de informática (organização);
2. A dinâmica do lanche;
3. Consciência ambiental;
4. Secretaria (digitalização de arquivos);
5. Leitura na biblioteca;
6. Lidar com as diferenças.

A dificuldade na escolha de um tema para o Projeto de Intervenção Pedagógica é perceber o problema de real relevância para a escola, para LEITE et al (1989), Trabalhos por Projetos, envolvem pesquisa com a finalidade de responder a problemas considerados de interesse pelo grupo e com enfoque social.

Para ajudar na escolha do tema foram convidadas para discutir as propostas levantados pelos estagiários a coordenadora do CEPAE, Prof<sup>ª</sup>. Elizabete e a Prof<sup>ª</sup>. de Biologia Maria Izabel. Os estagiários apresentaram para elas os temas levantados a partir da diagnose com o intuito de ouvir o que elas tinham a dizer, por conviverem na escola há mais tempo e conhecerem as necessidades desta.

Sobre a digitalização dos arquivos da secretaria a duas acharam que seria um projeto de médio a longo prazo e não daria para ser feito durante o estágio.

Elas também esclareceram que há um grupo que realiza diversos trabalhos e discussões com professores e alunos sobre inclusão, *bullying* e como as pessoas devem lidar com as diferenças. Quanto ao incentivo à leitura na Biblioteca a Professora M<sup>a</sup> Izabel disse que a subárea de Biologia já possui um projeto de uso de livros paradidáticos.

Contudo, o tema que as duas acharam mais relevante foi o a dinâmica do lanche. Após ouvi-las, os estagiários sentiram que era necessário eleger um tema que envolvesse todos os aspectos levantados na diagnose, ligando-os a Educação Ambiental. A diagnose da cozinha e do pátio do CEPAE, que gerou o tema do Projeto está inserida neste como Apêndice A.

Com a escolha do tema geral “lanche” a próxima questão foi: o que caberia aos alunos de Biologia tratar sobre o tema? E nesse sentido, inúmeras ideias surgiram, entre elas: higienização de alimentos, obesidade, higiene dentaria, a importância da boa nutrição, tratamento dos vasilhames e a venda de alimentos prejudiciais a saúde na porta da escola.

A partir desses pontos que deveriam constar no PIP, foi elaborado um plano de ações com sete tópicos principais. O grupo de estagiários foi dividido em cinco subgrupos para realizar essas ações nas turmas do Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano. Descrição da divisão dos tópicos por grupo e turmas:

#### **IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011**

**Grupo 1:** O Significado do Lanche/Lanchar para os alunos e devolução das vasilhas, que foi trabalhado com os alunos do 7º ano B.

**Grupo 2:** Hábitos Alimentares / Postura na hora do lanche, que foi trabalhado com os alunos do 6º ano B.

**Grupo 3:** Descarte do Lixo, que foi trabalhado com os alunos do 9º ano A.

**Grupo 4:** A fila para o lanche, que foi trabalhado com alunos do 8º ano A.

**Grupo 5:** Higiene, Saúde, Alimentação e a Inclusão, que foi trabalhado com os alunos do 8º ano B.

Neste relatório será descrita a ação desenvolvida com os alunos do 8º ano A, com o tema: A fila para o lanche.

Esse trabalho foi realizado com o objetivo de avaliar a estrutura e organização na distribuição do lanche, bem como provocar a interação dos alunos com o cotidiano da cozinha da escola, estreitando a relação entre alunos e funcionários.

#### **4. METODOLOGIA**

A aplicação da proposta abordando o tema “A fila para o lanche” foi realizada no 8º ano A do CEPAE-UFG, entre os dias 12 de maio e 9 de junho de 2010. As atividades foram divididas em cinco momentos em sala e três atividades práticas durante o recreio.

O primeiro encontro com os alunos foi um momento de apresentações, de percepção da receptividade deles, de ouvir o que eles achavam do momento do recreio e de conversarmos sobre o que acontecia na fila do lanche. Também foi entregue aos alunos um texto e três charges para reflexão do tema, e uma questão sobre o que eles achavam do momento do lanche (Apêndice B: Atividade 1).

O contato com os trabalhadores da cozinha para o pedido de permissão para realizar trabalhos com os alunos dentro da cozinha, foi o melhor possível, a receptividade da chefe da cozinha superou as expectativas e inspirou a elaboração das atividades com outro rumo.

No segundo encontro com os alunos foi recolhida a Atividade 1 e a turma de trinta alunos foi dividida em três grupos: o grupo 1 ficou responsável por fazer uma entrevista com a chefe da cozinha, Elenita; o grupo 2 serviu o lanche na hora do recreio; e o grupo 3 fez entrevistas (Apêndice C) com alunos, filmaram e tiraram fotografias na hora do recreio. Veja as figuras 01, 02 e 03. As atividades dos grupos 2 e 3 foram realizadas na hora do recreio por dois dias.

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011



FIGURA 01 – Aluna do 8º ano A servindo a salada.



FIGURA 02 – Alunos dentro da cozinha.



FIGURA 03 – Aluna do 8º ano A entrevistando uma aluna de outra turma na hora do recreio.

No terceiro encontro com os alunos, em sala, a turma foi dividida e o grupo 1 foi até a cozinha para entrevistar a cozinheira, Elenita. Com os alunos que ficaram na sala, os estagiários iniciaram uma conversa sobre o comportamento dos alunos em relação às pessoas que preparam o lanche e o serve, sobre o *déficit* de vasilhames e talheres – resultado da ação de alunos, que não os devolvem no lugar certo – e também falaram sobre as atividades realizadas durante o recreio.

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

No quarto encontro, houve a necessidade de levar a chefe de cozinha Elenita até a sala de aula para conversar com os alunos (Figura 04), como forma de estreitar a relação alunos-funcionários. A cozinheira foi até a sala e falou para os alunos sobre o cotidiano da cozinha, como é feito o lanche, que o cardápio vem pronto da prefeitura, quantos quilos de comida elas preparam em apenas um fogão de duas bocas.



FIGURA 04 – Cozinheira conversando com alunos na sala de aula, 8º ano A.

Também foi distribuído um questionário (Apêndice D: Atividade 2). Esse questionário foi uma avaliação final dos alunos em relação ao projeto proposto pelos estagiários.

No quinto e último encontro com os alunos em sala de aula, foram confeccionados cartazes (Figura 05) com as fotografias tiradas pelos alunos na hora do recreio e ainda um quadro com as opiniões dos alunos – obtidas com as Atividades 1 e 2 – antes e depois da intervenção. Os cartazes foram expostos na III Semana de Conscientização Ambiental que aconteceu no dia nove de junho de 2010 no CEPAE (Figura 06 e 07).



FIGURA 05 – Confeção dos cartazes.



FIGURA 06 – Aluna apresentando os cartazes durante a Semana Ambiental.



FIGURA 07 – Exposição dos cartazes no pátio do CEPAE.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A elaboração das atividades que foram realizadas sobre o tema “A fila para o lanche”, foi uma importante experiência para a formação do indivíduo educador, pois colocou o estagiário em uma realidade ainda não experimentada como graduando de Licenciatura em Ciências Biológicas.

No início foi difícil encontrar o aspecto principal que tornava a fila do lanche um transtorno para tantos alunos, como foi observado na diagnose.

A primeira ideia foi criar uma segunda fila para que o lanche fosse distribuído com uma maior rapidez. Porém ao conversar com a chefe da cozinha do CEPAE, descobrimos que não havia colheres suficientes para a demanda de alunos e por isso ocorria a demora na fila do lanche. As cozinheiras distribuem o lanche para alguns alunos, quando as colheres acabam elas saem recolhendo no pátio para lavar e servir para outros alunos.

O contato com os trabalhadores da cozinha resultou na modificação das atividades, pois podemos perceber que o grande problema da fila do lanche estava entre a relação dos alunos com os funcionários da cozinha.

A cozinheira reclamou dos pedidos que faz a prefeitura de novas colheres mas não é atendida, de como faz seu trabalho com amor, mas não sente o carinho dos alunos e como ela se preocupa com os estes, pois ela se sente responsável pela formação deles.

“...eles não respeitam a gente, nem fala bom dia...”

“eles (alunos) não sabem quem eu sou, mas eu conheço o rosto de cada um deles”



#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

“...eu estou aqui na cozinha mas vejo tudo que acontece...” (Elenita – chefe da cozinha do CEPAE)

O primeiro momento com os alunos foi bastante turbulento por ter sido um momento de discussão sobre o tema da intervenção, porém foi importante para a elaboração das atividades que foram realizadas.

A partir do primeiro contato com os alunos e com os cozinheiros sentimos a necessidade de aproximar dois âmbitos tão diferentes mas que compõem uma escola, cozinha e sala de aula (cozinheiros e alunos).

Dessa forma o rumo da intervenção foi modificado, e a primeira ideia de aumentar o número de fila foi descartada. Percebemos que para harmonizar a fila seria necessário estreitar a relação entre os alunos e os trabalhadores da cozinha, fazer com que se respeitem e atuem juntos na construção desse ambiente escolar.

As atividades práticas propostas aos alunos abordaram atitudes simples porém de grande importância para a formação desses indivíduos.

No começo a proposta de servir o lanche para os outros colegas não agradou aos alunos, que consideraram esse trabalho humilhante. Mas após o primeiro dia de execução dessa atividade, a visão dos alunos mudou. Esse foi o resultado de se colocar no lugar do outro.

Os alunos que antes não estavam gostando de fazer atividades no recreio e não queriam servir o lanche por vergonha dos colegas, estavam muito animados com as atividades. Também se surpreenderam com a forma que os alunos descartam os vasilhames e talheres após o lanche, facilitando o sumiço e apreensão pelos macacos. (Figuras 08 e 09), Os alunos não sabiam do cotidiano da cozinha.



FIGURA 08 – Os alunos deixam os vasilhames

FIGURA 09 – Os macacos pegam as  
em qualquer lugar.

vasilhas.

As atividades no recreio foram bem executadas pelos alunos e estagiários, obtendo sucesso e aprovação dos cozinheiros. Os alunos superaram as expectativas dos estagiários, pois apesar de não se mostrarem interessados no início, todos se apresentaram na hora do recreio para fazer a tarefa do seu grupo. Algumas alunas procuraram as cozinheiras para pedir para servir o lanche uma vez por mês.

Partiu dos próprios alunos a ideia de uma pessoa ficar ao lado dos baldes de devolução dos vasilhames e talheres recolhendo-os, para agilizar o processo de lavagem desses, para a reutilização no mesmo momento.

Todos acharam divertido e curiosa a experiência, e os outros alunos de outras turmas, deram risadas, mas respeitaram o trabalho dos colegas. Veja a figura 10.



FIGURA 10 – À direita, estagiários e à esquerda, alunas após a realização das atividades no recreio.

Os funcionários da cozinha ficaram agradecidos com os estagiários por promoverem essa dinâmica, valorizando o trabalho deles. E avaliou muito bem a participação dos alunos, queriam que esses trabalhos fossem realizados com todas as turmas da escola.

Foi muito satisfatória para os estagiários a reação positiva dos envolvidos dos no projeto. Pode-se perceber a validade de propostas que envolva vertentes tão diferentes.

Todas as informações sobre o cotidiano da cozinha impressionaram os alunos que no primeiro encontro haviam criticado o trabalho das cozinheiras e a qualidade do lanche. Os alunos gostaram de receber a Dn<sup>a</sup>. Elenita na sala e ela se sentiu à vontade para falar.

As respostas dos alunos na Atividade 2, entregue para avaliar o resultado da intervenção, mostrou uma forte mudança na forma de pensar sobre o momento do recreio e sobre a importância do lanche, e principalmente das pessoas que o prepara. A comparação entre o pensamento dos alunos antes e depois da intervenção está exemplificada no Quadro 1.

INÍCIO DA INTERVENÇÃO	RESULTADO DA INTERVENÇÃO
<p>Pergunta 1: O que o momento do lanche significa para você?</p>	<p>Pergunta 2: O que você achou das atividades realizadas?</p> <p>Pergunta 3: O que você aprendeu com as atividades?</p>
<p>Respostas – Pergunta 1:</p> <p>" Significa um momento de tristeza, pois as pessoas ficam se matando para pegar o lanche...to dia o lanche demora para sair e aí ficamos na fila o recreio inteiro"</p> <p>"Eu não como na escola, a fila é muito grande então vou no Rone..."</p> <p>"... o lanche é importante para que não passamos fome na escola. Também tem muitas pessoas que não comem em casa então esse momento é importante..."</p> <p>"A hora do lanche é uma bagunça!! Muita desorganização, muitos furadores de fila etc..."</p> <p>"...a hora do lanche é desorganizada, mas não podemos fazer nada."</p>	<p>Respostas – Pergunta 2:</p> <p>"...acho que os alunos irão respeitar mais as merendeiras."</p> <p>"...eu trabalhei junto com minhas colegas na cozinha e ja pedimos pra tia deixar agente ajudar lá uma vez por mês."</p> <p>Respostas – Pergunta 3:</p> <p>"Eu aprendi a respeitar mais o lanche e as merendeiras..."</p> <p>"É muito importante lancharmos no pátio da escola e colocar as vasilhas do lanche no devido lugar, porque se não fizermos nossa parte, daqui uns dias não teremos mais vasilhas para lanchar..."</p>

QUADRO 1: Comparação das respostas dos alunos em duas atividades aplicadas em sala.

A exposição dos cartazes confeccionados pelos alunos com as fotos que tiraram na hora do recreio ocorreu na Semana de Conscientização Ambiental (S.C.A.). Nesse

#### **IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011**

momento os alunos se revezaram para apresentar o trabalho que fizeram (sempre com a orientação de um estagiário).

A S.C.A. é produto de um Projeto de Intervenção de estagiários da Biologia, e faz parte do calendário escolar há três anos. A ideia inicial era promover a interdisciplinaridade com o tema Educação Ambiental, e que muitos trabalhos fossem realizados.

Porém tem pouco envolvimento dos professores, sendo que apenas os de Biologia desenvolvem trabalhos nessa Semana. Outro problema é que a Semana durou apenas o período de um recreio (30 min). Não há incentivos da coordenação e direção para alavancar o Projeto.

Esse projeto pode se estender por todas as turmas de uma escola e a socialização dele pode ser realizada através da confecção de um pequeno jornal, ou em eventos tradicionais como Feira de Ciências.

#### **5.1 – VII Seminário de Estágio Supervisionado de Biologia (SES BIO) – A socialização do projeto de intervenção para a Universidade**

O VII SES BIO (Apêndice I) aconteceu no dia 21 de junho, tendo início com a abertura no auditório do ICB IV da UFG. Após a abertura todos os participantes se direcionaram para o local de apresentação dos banners – contendo todo o PIP.

Estavam presentes a coordenadora do Estágio Supervisionado da UFG, o secretário da coordenação do curso, o diretor do ICB, além dos estagiários e os professores orientadores da disciplina.

O SES BIO é o momento de socializar para a Universidade o Projeto desenvolvido pelos estagiários (ver folder no Apêndice J), porém não é prestigiado pelos alunos desta, que não comparecem ao evento.

Pode-se perceber certo descaso com as apresentações dos banners, visto que ficam expostos em um dos corredores do ICB, com os respectivos estagiários produtores em frente a eles esperando que alguém se mostre interessado pela explicação – o que não ocorre. Para muitos foi decepcionante ver um projeto tão trabalhoso com sua exposição ignorada.

Entretanto a iniciativa é válida, pois faz parte da matriz, a socialização para a Universidade, talvez precise ter uma divulgação mais acentuada, que estimule os alunos a comparecerem.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Curricular Supervisionado I faz parte da grade obrigatória da licenciatura em Ciências Biológicas.

A carga horária pesada dessa disciplina reflete sua dificuldade e importância. Pois exige dos estagiários, muito tempo, leitura e pela primeira vez o contato com a produção de uma diagnose, de um projeto acadêmico e de um relatório, ou seja, nos ensina muito.

Sem dúvidas a maior dificuldade foi construir todo esse projeto em grupo, um grande grupo de quinze estagiários. Diversos pensamentos, ideias, personalidades. Mas é com isso que um professor precisa lidar em toda sua carreira.

Por muitas vezes parece inútil tentar modificar alguma coisa na Escola campo – até mesmo porque ouvimos relatos de muitas pessoas que não aguentam mais receber estagiários todo semestre – tantas coisas já foram feitas por outras turmas, será que teria alguma coisa pra fazer?

Sim, há muito o que ser feito em uma Escola. Descobrimos assim a necessidade da diagnose, que permite conhecer todos os departamentos que compõem a instituição de ensino.

Como uma observadora da Escola campo, percebi que muitas coisas são visíveis e fáceis de modificar, mas os funcionários e alunos estão tão condicionados à rotina que nem sequer olham pro lado para encontrar soluções. Estão sempre a espera por uma pessoa que possa ouvi-los para que eles desabafem, falando mal de tudo. Foi nesse ponto que me perguntei, que profissional gostaria de ser, ativo ou passivo? E ao escrever o relatório percebi a importância de se ter um Estágio de observação.

A escola está lá, com os professores estressados, alunos rebeldes, funcionários cansados. Mas a escola não é isso, mas sim um lugar para aprender e ensinar, trocar experiências, fazer amigos pra vida inteira, de lanchar, de respeitar, correr, brincar, a escola é um ambiente que acomoda diversas fases, momentos e pessoas. E foi sobre tudo isso que refletimos no Estágio.

Com esse projeto tentamos estreitar essas relações escolares que foram perdidas com anos de desrespeitos. O resultado foi bastante positivo. Podemos afirmar com toda certeza a validade de propostas que promovam a interação entre grupos diferentes que, afinal, compõem juntos o ambiente escolar.

#### **IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011**

Hoje falamos sobre a Escola, não mais com um olhar rebelde e saudoso de quem foi aluno, mas sim como alguém que voltou, observou, analisou, entendeu como cada ambiente funciona.

## APÊNDICE A

### 1. Diagnose da cozinha do CEPAE: recreio/lanche

A alimentação e a nutrição adequadas são requisitos essenciais para o crescimento e o desenvolvimento de todas as crianças. Mais do que isso, são direitos humanos fundamentais, pois representam a base da própria vida (BRASIL, 2008). A Escola é um ambiente de aprendizagem, portanto o momento dedicado à alimentação dos alunos assume um caráter educativo, pois transmite informações relacionadas com a saúde e alimentação, que os alunos captam e transformam em hábitos e costumes. Assim, a escola pode ser concebida como promotora de saúde e para exercer tal função necessita de condições básicas, principalmente no ambiente da cozinha.

No CEPAE-UFG a cozinha situa-se no pátio da escola, logo após o portão de entrada. É dividida em três salas, cada uma com sua função estrutural. A primeira funciona principalmente como uma sala de estocagem dos alimentos não perecíveis (como farinha de mandioca, sal, leite em pó, extrato de tomate, óleo, açúcar, gelatina e bolachas de água e sal), e para tanto possui três prateleiras grandes. Para estocagem dos alimentos perecíveis (como carne bovina, frutas e legumes), existem duas geladeiras e um freezer grande. As prateleiras também são utilizadas para alocarem utensílios de cozinha como panelas, talheres e um processador de alimentos. Como não há um local específico para os funcionários guardarem seus objetos pessoais, são obrigados a pendurá-los nas prateleiras ou colocá-los encima da única mesa ali existente. Esta sala também serve como um ambiente de descanso e descontração, nos tempos livres, onde os funcionários tomam seu cafezinho, almoçam, e fazem reuniões quando necessário.

A segunda sala é utilizada para preparar o lanche, e para tanto possui fogões industriais, forno, moedor de carne, panelas grandes, pequenas e de pressão, talheres de metal e algumas vasilhas. A sala é retangular com piso e paredes brancas, possui uma pia de mármore em toda a sua extensão, com duas torneiras altas, o que facilita o trabalho de limpeza dos alimentos e vasilhames. A sala é limpa e bem iluminada, porém muito quente devido ao calor que sai dos fogões. A pequena janela próxima ao teto não é suficiente para arejar a sala.

A terceira e última sala é utilizada para servir o lanche, por isso possui janelas de metal bem grandes, dobráveis para cima e para baixo. É uma sala retangular e estreita com o



#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

piso e paredes de cor branca. Os equipamentos desta sala são: freezers, microondas, fogão industrial, telefone e bacias grandes. Sobre a pia estão centenas de copos, pratos e vasilhas de plástico nas quais é servido o lanche para os alunos. Também é limpa e bem iluminada, porém não é arejada apesar de ter dois ventiladores de teto. No momento de preparo do lanche todas as três salas ficam muito quentes, e abafadas, pois os ventiladores que existem não são muito utilizados (ou não funcionam).

A cozinha conta com quatro funcionários (as), uma é a cozinheira chefe e os outros são auxiliares (duas mulheres e um homem). Todos usam jalecos e toucas brancos e limpos e devem sempre manter as unhas curtas e mão lavadas, o que demonstra a preocupação com a higiene no preparo do lanche. Porém não foi observado a existência de extintores de incêndio, o que não deveria acontecer por se tratar de um local de alta chance de ocorrer incêndios.

O ambiente de trabalho é alegre e descontraído, sempre havendo conversas sobre assuntos pessoais e profissionais enquanto as tarefas são realizadas, levando a crer que as relações interpessoais entre os funcionários (as) são harmoniosas. Foi perceptível que as pessoas que ali trabalham realizam suas funções com muita dedicação, zelo e amor, talvez por se sentirem como educadores (as), ou simplesmente por saberem que a alimentação é extremamente necessária para o bom rendimento escolar.

O cardápio da escola é determinado mensalmente por nutricionistas da Secretaria Municipal de Educação, e sempre é elaborado de certa forma que consegue unir alimentação balanceada e diversidade durante os dias da semana. Nos cardápios estão presentes pratos como galinhada, arroz com pernil de porco, macarronada, baião de três, sempre acompanhados de legumes e frutas.

Às 09h os auxiliares da cozinha colocam uma porção em cada vasilha e encaminham em um carrinho para o prédio da primeira fase do ensino fundamental. Já o lanche da segunda fase e ensino médio é servido às 09h e 45min no recreio. Todos os auxiliares ajudam a preparar as porções e servir os alunos. Uma fila é formada e os funcionários servem os alunos com extrema rapidez, pois os alunos dividem o horário do lanche com o momento de brincar e socializarem-se com os colegas.

A relação funcionário-aluno é informal. Os alunos chamam os auxiliares de “tio” e “tia” e os funcionários tratam os alunos com gentileza e carinho. As atitudes dos alunos ao se servirem são diversas, alguns são educados e outros, com euforia, acabam sendo indelicados com os outros alunos e ou funcionários da cozinha. Nessas situações os funcionários demonstram autoridade e exigem organização, parando de servir o lanche se

necessário, até que a ordem seja restabelecida. Isso demonstra o caráter educativo presente nesse momento, e a importância dos funcionários (as) da cozinha se sentirem também como educadores, pois todas essas relações acabam formando os alunos.

Após o lanche os auxiliares lavam as vasilhas com água morna e sabão, enxugam e passam álcool em gel. A pouca comida que sobra é doada a um senhor que cria porcos, se transformando em lavagem para os mesmos.

### **1.1 Observação do comportamento dos alunos durante o lanche**

Durante o momento do lanche há brincadeiras, conversas e descontração. Muitos alunos trazem lanche de casa e não comem a merenda fornecida pela escola, outros comem somente o da escola, alguns preferem não lanchar e outros comem os dois. Foi observado que alguns alunos vendem guloseimas durante o recreio. Existe também no portão de entrada da escola um moço que vende diversos tipos de alimentos industrializados, como salgadinhos, pipoca doce, balas, chicletes, refrigerantes e doces.

Os educandos lancham no pátio, nas áreas verdes dentro da escola, nas quadras e deixam inúmeras colheres e vasilhas espalhadas pelo chão. Durante o recreio um funcionário da limpeza é encarregado de recolhê-las e as merendeiras vão lavando e secando esses pratos, pois outros alunos esperam o lanche e há poucos vasilhames disponíveis na escola.

Dois baldes são distribuídos no pátio para serem depositados os pratos e talheres sujos, mas, a maioria dos discentes lancham e não devolvem os talheres e pratos, outros colocam sobre o balcão onde foi servida a comida. Quando toca o sinal alertando sobre o fim do recreio, a maioria ainda não terminou de comer e apressam-se, e no segundo sinal todos se encaminham para as salas. Após o recreio observou-se inúmeras embalagens dos lanches trazidos de casa e comprados do ambulante, descartadas no pátio e nos assentos, o que atrai os macacos-prego para o local.

Corroborando nossas observações e análises, foram aplicados aos funcionários (as) da cozinha e os alunos alguns questionários e entrevistas. Foi possível notar na entrevista com a Cleonice<sup>4</sup> que, apesar de entendermos que sim, ela não se considera como participante do processo educativo dos alunos, não acha que é uma educadora. Também ficou explícito que considera a postura dos alunos na hora do lanche muito inconsequente, sem pensar.

---

<sup>4</sup> Nome fictício de uma funcionária da cozinha

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

“...é meio exagerada a falta de educação, de alinhamento, de fila, de tudo, sabe? A maneira que eles pegam as vasilhas pra comer. Eles não tem educação! Larga as vasilha toda esparramada, que é preciso a gente tá pegando pra lavar de novo pra eles comerem. Então eu não acho correto...eles não tem estrutura nenhuma pra seguir uma fila e comer direitinho.” **(Trecho da entrevista com a funcionária da cozinha Cleonice)**

Como foi relatado, os alunos deixam os vasilhames espalhados pelo pátio após o lanche, e os funcionários encarregados da limpeza precisam procurar essas vasilhas, mas, no período que passamos na escola não foi visto nenhum projeto educativo nessa área.

Foi observado que um dos maiores problemas vivenciados no ambiente da cozinha seria as condições de trabalho, o que ficou muito claro a seguinte frase da Cleonice:

“...O espaço físico nosso é muito pequeno, falta material demais. A gente as vezes, tem que tá se virando, inclusive eu pedi pra comprar material, concha, esses trem, pra gente mexer panela, não tem! A cozinha é quente, aqui você tá vendo que é quente demais e isso prejudica demais a gente... no trabalho. Num é correto! Essa cozinha teria que ter o espaço físico maior e amplo pra gente trabalhar melhor...” **(Trecho da entrevista com a funcionária da cozinha Cleonice)**

Com essa entrevista também explicitou-se a preocupação de Cleonice com a educação alimentar, que se faz necessária dentre as atividades realizadas em sala:

“...Educação alimentar, lá dentro da sala de aula. Começar por lá, pra quando chegar na gente, a gente já tá bem pré estabelecido pra fazer as coisa corretamente pra eles, né. Porque não adianta um aluno ter uma opinião o outro tem outra, o outro tem outra. Ah, eu não gosto disso, o outro: ah, eu também não gosto! E aí a gente faz coisa pra jogar fora, pra não desperdiçar...” **(Funcionária da cozinha)**

Também foi aplicado um questionário entre os dias 17 e 18 de março, à uma parcela de alunos do sexto ao nono ano com o objetivo de levantar as concepções e opiniões sobre alguns pontos relacionados com a merenda escolar. Os alunos foram retirados da sala de

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

aula durante aulas de ciências, levados para biblioteca, mesas de estudo e responderam ao questionário sem identificarem o nome.

Muitos alunos quando questionados sobre o que achavam da merenda escolar, disseram que gostam mas que podia melhorar, algumas sugestões foram:

“o suco deveria ser natural”

“ é bom mas não gosto quando ficam repetitivos na semana”

“ é gostoso mais podia ter mais opções de escolha e alimentos diferentes e gostosos.”

“deveriam fazer algo diferente, de vez em quando.” **(Aluno)**

Outros disseram que não gostam e explicitaram os motivos, a exemplo:

“ Às vezes não consigo comer, mas, quando como acho que ele parece mais um almoço, e eu queria mais um lanche do que isso.”

“Ruim, porque todas as vezes e só arroz, e arroz na hora do lanche e ruim.”

“Alguns, principalmente o cachorro quente e o chocolate são ruins demais, mas o resto, meu Deus, a fila enche de gente tem vezes que ela se curva para dar espaço.”

“Hum horror tem dias que o lanche é bom bem feito com pão, sucos e outros e não farofa de feijão, arroz com osso (porque não tem frango só osso) galinhada... as 09:45.”

“Diminuir a quantidade de carne (sou vegetariano), melhorar os líquidos (em aspectos de variar os sabores).” **(Aluno)**

Os principais motivos para não gostarem do lanche foram a quantidade de arroz que é servido para o horário e a fila enorme que se forma para pegarem a comida alguns até deixam de lanchar para fazerem outras coisas porque o tempo perdido na fila é grande.

Outra pergunta questionou se os alunos consideravam o lanche importante para o rendimento escolar. Dezenove alunos responderam que sim, e apresentaram diversos motivos, tais como: disposição para estudar, fornecer energia e nutrientes para o corpo, para não ficar com fome durante o período de aula, e principalmente para manter a concentração nas aulas, conforme aponta os fragmentos abaixo:

“...ficamos mais ou menos 5:00 horas na escola e precisamos nos alimentar.”

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

“...o lanche ajuda a dar mais disposição.”

“...com fome ninguém aprende , pois o cérebro não funciona bem.”

“...sem o lanche a cabeça dói e não dá para pensar direito.”

“...quando o aluno sente fome...deixa de prestar atenção.”

“...com fome ninguém consegue estudar.” (Aluno)

Os outros cinco alunos responderam que não, ou por já terem comido em casa, ou por não considerarem que a alimentação auxilia o rendimento escolar. Alguns comentários foram:

“Não, pois comendo ou não o meu rendimento durante as aulas é o mesmo.”

“Não, porque eu como em casa e não fico com fome.” (Aluno)

Ao questionar os alunos se havia um local adequado para eles lancharem a maioria respondeu que não. Eles alegaram que lancham em pé, sentados nas muretas ou andando pela escola. Alguns alunos afirmaram que há um refeitório, porém, é utilizado como sala de vídeo. Outros ressaltaram que deveria ter um refeitório ou lanchonete, lugares mais confortáveis para o lanche e locais onde os macacos-pregos não roubassem o lanche.

Perguntamos se os alunos traziam lanche de casa e as respostas foram variadas. Alguns trazem lanche de casa porque não gostam do servido na escola. A principal justificativa foi a falta de um cardápio variado e mais leve. Outros já lancham na escola, gostam do lanche e acham saudável ou simplesmente não lancham de manhã.

### **1.2 Resultado do questionário aplicado aos alunos sobre o recreio e aspectos físicos da escola**

Uma das perguntas destinada aos alunos era se gostam do recreio da escola, vinte alunos responderam que sim e relataram porque, a resposta mais frequente foi porque o recreio é longo e é possível descansar, conversar e rever amigos de outras salas. Segue abaixo alguns trechos das respostas que corroboram essa afirmativa:

“Encontro meus amigos, e é o único momento que eu tenho pra conversar o que quero.”

“ eu acho que tem um tempo razoável para uma possível descontração do ambiente escolar, que as vezes é um pouco pesado”.

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

“Gosto porque, e na hora do recreio que lancha e também e na hora do recreio que você encontra com todos os amigos”.(Alunos)

Somente quatro alunos responderam que não gostam do recreio, dois relataram que o tempo é curto para fazer tudo o que gostam, um porque a quadra de esportes não é disponibilizada para a turma dele e outro disse que o tempo é curto e completou que gostaria que “alguns professores fizessem atividades interativas no decorrer do recreio”.

Questionamos os alunos o que eles costumavam fazer no recreio e as respostas foram bem parecidas e sempre se enquadrava nos eventos: conversar com os amigos, lanchar, andar pela escola, brincar, ir a biblioteca, descansar das aulas. Um dos alunos ressaltou que fica muito tempo na fila da escola e isto prejudica as outras atividades.

Os alunos fizeram várias sugestões de mudanças para o recreio, as principais foram o tempo para 45 min., a fila do lanche que é muito grande, o acréscimo de música e o espaço. Algumas sugestões foram interessantes, como uma proposta de atividades dinâmicas, mesas para todos os alunos lancharem, grana nas áreas com barro e conscientização dos alunos a respeito do lixo espalhado pela escola.

Quando questionados sobre a limpeza dos banheiros sete alunos responderam que não consideravam os banheiros limpos, ou que não gostavam da limpeza, e três desses consideram que a responsabilidade da limpeza é somente dos funcionários, já os outros quatro escrevem que os alunos são os responsáveis. Alguns comentários foram:

“Eu não gosto da limpeza dos banheiros...Quem é responsável pela limpeza é as faxineiras...”

“Os banheiros são sujos...A escola deveria mandar lavar mais vezes o banheiro de dentro e de fora.”

“não tão limpo...os alunos sujam, pichão e molha tudo. Os principais responsáveis são os alunos.”

“ruim porque toda vez que o funcionário limpa os alunos suja, faz bagunça, etc...” (Alunos)

Uma parcela de doze alunos considera os banheiros limpos, ou que a limpeza é boa. Destes doze, cinco responderam que os alunos é que são responsáveis, dois consideram somente os funcionários, quatro consideram os alunos e os funcionários e um aluno considerou que todos os que utilizam são responsáveis.

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

“...a limpeza é feita...os responsáveis pela grande limpeza que são os alunos não cumprem a sua parte.”

“A limpeza é boa, os alunos que não cooperam. Os responsáveis são os próprios alunos.”

“A limpeza é boa, eu acho que quem é responsável é as faxineiras e nós...”

“Eu acho que eles fazem uma boa limpeza. Eu considero responsável pela a limpeza são os ajudantes.”

“Quando chegamos...os banheiros estão limpos, mas quando vamos embora eles ficam horripelmente imundos. Todos somos responsáveis pela limpeza e temos que melhorá-la.” (Aluno)

Quatro alunos consideram os banheiros sujos, considerando os alunos e funcionários os responsáveis. Houve um único que escreveu que não utiliza os banheiros da escola, mas sem manifestar a razão.

“Todos reclamam, mas ninguém cuida.”

“Eu acho inevitável o banheiro ficar sujo, pois a faculdade tem terra em todo lugar.” (Aluno)

APÊNDICE B – Atividade 1.

Universidade Federal de Goiás – Centro de Ensino e Pesquisa Aplicadas a Educação (CEPAE) Estágio Curricular Supervisionado I - Ciências Biológicas  
Estagiários: Elder Sales, Isabella Rodrigues e Lúcio C. Tovar  
Turma: 8º ano A  
Data: 12 de maio de 2010.

Charge 1



Charge 2



Charge 3





**Texto para Refletir**

***Escola é lugar de aprender. E de ensinar***

*É também lugar de tomar merenda, de jogar futebol, de fazer fila, de ficar triste ou se alegrar. As crianças escrevem, somam ou subtraem, copiam, perguntam. Elas brigam, choram, se machucam. Fazem grandes amigos. O professor explica a lição, lê histórias, pega na mão da criança que começa a escrever. Ele também grita, fica bravo, perde acalma. Tem que fazer chamada, corrigir prova, preparar aula, preencher papelada. As crianças às vezes têm fome, às vezes estão doentes, às vezes estão saudáveis e felizes. De onde elas vêm? Do bairro ao lado, da favela ali em cima, do outro lado da avenida, do sítio a alguns quilômetros. Falta lápis e, por vezes, até o sapato. Trinta (ou quarenta?) em cada sala. Lousa nova, lousa gasta. Carteiras meio quebradas. O diretor se preocupa com a reforma do prédio, orienta e fiscaliza os professores, tem um monte de papel para assinar, é homenageado na formatura. Na escola tem mais gente: merendeira, servente, secretário, inspetor... O salário está baixo. A vida está dura. Mas escola é lugar de ensinar e de aprender.*

*(FONTANA & CRUZ, 1997, p.3)*

Atividade 1

Com base no que foi discutido na aula, nas charges e no texto escreva sobre o que o momento do lanche/recreio significa para você.

---

---

---

---

---

---

**APÊNDICE C – Perguntas das entrevistas realizadas no recreio.**

Universidade Federal de Goiás  
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação  
Estágio Curricular Supervisionado I  
Ciências Biológicas  
Estagiários: Elder Sales, Isabella Rodrigues e Lúcio C. Tovar  
Turma: 8º ano A  
Data: 20 de maio de 2010.  
Aluno: \_\_\_\_\_.  
Entrevista com alunos na fila do Lanche.  
Turma do entrevistado: \_\_\_\_\_

1) O tempo do recreio é suficiente para lanche e realizar outras necessidades?

( )SIM ( )NÃO;

Justifique: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2) Você conhece as pessoas que fazem o seu lanche?

( )SIM ( )NÃO;

Justifique: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3) Você acha justo o fato de alguns alunos furarem a fila?

( )SIM ( )NÃO;

Justifique: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

4) Você sabia que a perda de pratos e talheres é a principal causa da demora na distribuição do lanche?

( )SIM ( )NÃO;

Justifique: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5) Você sugere alguma mudança na forma como o lanche é distribuído?

( )SIM ( )NÃO; Justifique

**APÊNDICE D – Atividade 2.**

Universidade Federal de Goiás

CEPAE

Estágio Curricular Supervisionado I

Ciências Biológicas

Estagiários: Elder Sales, Isabella Rodrigues e Lúcio C. Tovar

Turma: 8º ano A

Data: 26 de maio de 2010.

01- O que você achou das atividades realizadas?

02- Você aprendeu alguma coisa importante com a participação nessas atividades?

03- E agora, como você vê a hora do recreio e o e do lanche? Algo mudou?

04- Como você avalia sua participação nas atividades propostas?

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

FONTANA, R. & CRUZ, M. N. **Psicologia e Trabalho Pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

LEITE, E.; MALPIQUE, M.; SANTOS, M. R. Trabalho de projecto. 1. ed. Aprender por projectos centrados em problemas. Porto: edições Afrontamentos, 1991.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: Teoria e prática. 5. ed. revista e ampliada. Goiânia: Alternativa, 2004.

\_\_\_\_\_. **Organização e gestão escolar**: teoria e prática. 4. ed. Goiânia: Editora Alternativa, 2001

LOMBARDI, Roseli Ferreira. **Formação Inicial: Uma observação da prática docente por discurso de alunos estagiários do curso de Letra**, 2005.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.